



“Fazer aqui um festival literário é uma ousadia”, diz Alegre

FREIXO DE ESPADA À CINTA O arrojado de haver um festival literário em Freixo de Espada à Cinta foi notado por Manuel Alegre – “é uma ousadia fazê-lo aqui” –, primeiro laureado com o prémio Guerra Junqueiro, instituído no festival que terminou anteontem, na terra natal do poeta falecido em 1923 e que durante o século XIX foi uma voz de resistência.

“Um homem que fez a revolução republicana antes de esta ser feita”, lembrou Alegre, também ele poeta que toca a política e a resistência, e que defende a reintrodução do poeta freixenista no Plano Nacional de Leitura. “Deve ser apoliado”, referiu.

O inusitado prémio foi entregue a Alegre num dos concelhos mais despovoados do país, onde o município decidiu apostar num evento em torno do poeta, é para a autarca Local, Céu Quintas, uma forma de mostrar que “o interior resiste e consegue fazer coisas”.

Alegre surpreendeu-se com o prémio. “A escrita de Junqueiro é muito diferente da minha. Do ponto de vista poético não tenho inspiração junqueiriana. Temos algo em comum, ele foi deputado e eu também, ambos nos envolvemos no combate político”.

Apesar de Freixo de Espada à Cinta parecer um local improvável para juntar nomes mediáticos, na verdade o festival atraiu personalidades como Mário Cláudio, Isabel Alçada, João Govern ou Nuno Rogeiro, que não só levaram Junqueiro para o centro da discussão como reencontraram o seu lado visionário e crítico sobre o caminho de Portugal, que se tem cumprido. GLÓRIA LOPES